

A Atualidade de Maquiavel

Homero de Oliveira Costa

Jornal de Hoje 15.10.2008

Alguém já afirmou que Maquiavel pertence àquele tipo de pensador de quem todo mundo já ouviu falar mais que poucos leram e muitos, apesar de nunca terem lido suas obras, fazem dele uma péssima avaliação.

Vejam o termo “Maquiavélico” associado a ele, que, numa imagem bastante difundida no senso comum, é sinônimo de pessoas cínicas, arditos, traiçoeiras, sem escrúpulos, desprovida de princípios e que afirmam que os fins justificam os meios.

Nada mais distante de Maquiavel, um refinado intelectual e sofisticado analista da política, cujas obras, especialmente “O Príncipe”, passados quase 500 anos da sua elaboração (1513) se tornaram clássicos da ciência política e, portanto, permanecem atuais.

Por que considerá-lo como um pensador clássico: Porque, como disse Francisco Weffort “Dizer que um pensador é um clássico significa dizer que suas idéias permanecem. Significa dizer que suas idéias sobreviveram ao seu próprio tempo e, embora ressonâncias de um passado distante sejam recebidas por nós como parte constitutiva da nossa atualidade” (in: introdução de “Os clássicos da política”, vol. 1, São Paulo, Ática, 1996).

Maquiavel, como mostra Newton Bignotto foi um republicano (“Maquiavel republicano”, São Paulo, Loyola, 1991) e “Maquiavélico”, diz Sérgio Bath não era uma característica de Maquiavel e sim dos homens cuja ação ele relatou e procurou explicar e não justificar (“Maquiavelismo: a prática política segundo Maquiavel”, Ática, 1992) ou como disse Michael White o maquiavelismo sempre esteve presente na sociedade, ele apenas descreveu o que testemunhou (“Maquiavel: um homem incompreendido”, Rio de Janeiro, Record, 2007). Maquiavel foi um pensador extraordinariamente original e entre seus muitos méritos mostrou que o poder político nada tinha de divino: sua origem era mundana.

Separou a política da moral (atacou às concepções morais correntes em sua época) e da religião (“A política tem razões que a moral religiosa desconhece”), analisando (e criticando) o papel político da religião e da igreja católica em particular que, inegavelmente detinha amplo poder em seu tempo.

Para Maquiavel não existe poder sem força, que está na origem de todo e qualquer domínio político. Isso significa afirmar que a força está na gênese da formação e permanência de todos os estados.

O poder, diz Maquiavel, nasce da própria natureza humana e nada tem de divino. Ao afirmar que todo o domínio político está baseado na força e que ela é uma relação entre os homens, está afirmando que a ordem social não é eterna, ou seja, é passível de modificação pela ação dos homens.

Maquiavel rejeitou a tradição idealista, que tem origem em Platão e Aristóteles e como diz Maria Teresa Sadek ele “recupera a trilha inaugurada pelos historiadores antigos: Tácito, Políbio, Tucídides e Tito Lívio. Seu ponto de partida e chegada é a realidade concreta. A verdade efetiva das coisas é a chave-mestra de sua análise” (“A política como ela é”, FTD, 1996).

Entre suas obras mais importantes, além do Príncipe, estão “Histórias florentinas”, “Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio”, “A Arte da Guerra”, “A vida de Castruccio Castracani” e “Belfagor, o arquidiabo”. Ele também publicou livros de poesia e teatro (“Mandrágora”, entre outras).

Na análise política do seu tempo, trilha um novo caminho que é a análise concreta da realidade concreta. Não há para ele verdades eternas. O ponto fundamental, ao romper com as concepções idealistas que marcaram o pensamento político que o antecedeu, é colocar os homens como sujeitos da história e rejeitar às interpretações religiosas (o que não diria ele hoje da corrente religiosa hegemônica que prega a moralidade absoluta contra o aborto, a pílula anticoncepcional, o divórcio, a tolerância com padres pedófilos e contra o ensino científico?)

Maquiavel foi um grande leitor dos clássicos (incluindo seus conterrâneos Dante e Petrarca), estudioso da História, extraindo dela lições para analisar as formas de organização do poder de seu tempo, cujas análises, as transcendem e podem ser úteis como ferramentas intelectuais para analisar o presente. Por isso podemos afirmar que Maquiavel é atual.

Homero Costa é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/homero_costa/index.html



www.dhnet.org.br